

SERMAO

DA SOLEDADE

DA

SENHORA

PREGADO

NA SEE DA BAHIA

PELLO REVERENDO PADRE

FR. MANOEL DA MADRE DE
*Deos, Doutor, & Mestre jubilado na Sa-
grada Theologia, & Prior actual do Car-
mo da Bahia. Anno de 1701.
em 25. de Março.*



LISBOA. Com as licenças necessarias.

POR BERNARDO DA COSTA DE CARVALHO,
Impressor, Anno de 1702.

SEERMAO

DA SOLEDADE

DA

SENHORA

PARCADO

NA SEE DA BAHIA

PELO REVERENDO PADRE

FR. MANOEL DA MADRE DE

Deos, Doutor, & Mestre graduado na Sa-

ciencia Theologica & Prior actual do Con-

vento da Bahia. Anno de 1701.

em 15. de Março.



LISBOA. Com as licenças necessárias.
FORBENNA DO DA COSTA DE CARVALHO,
Impressor, Anno de 1701.

Ego destituta & sola. Mai. 49.



PROFERIR
palavras em
hũa excessiva
pena, articu-
lar vozes em

hum extremofo sentimẽto, ou parece discredito do excessõ de quem sente, ou diminuiçãõ da pena que lastima: que como a dor que he grande, reconcentrando no coraçãõ as ancias, suspende nas vozes os alivios: *Gravis dolor obmutescit*; não se acredita de grande a pena, que não embarga as vozes, não se qualifica de extremofo o sentimento, que não suspende as palavras.

Assim fora, se em razão menos singular se fudára de minhas vozes a razão. Hũa pena que excessiva chega a tocar o mais sublime do tormento, porque a mais não pôde crescer, disse o Seneca,

que se diminue essa pena: *Dolor decrescit ubi quo Seneca. crescat non habet*: & chegando a pena de Maria Santissima na sua soledade tanto ao cume da grandeza, que excedeo toda a semelhança: *Non fuit dolor sicut dolor ille, qui Matris viscera penetravit*: que muito que se diminua essa pena? não para o effeito de sentida: sim para o lugar de ponderada.

Excessiva era a pena que na desolação de Tiro haviaõ de padecer os seus habitadores; & não lhe diminuindo Deos a grandeza para o sentimento: *Plorabunt te in amaritudine animæ ploratu amarissimo*; diminuiolhe o excessõ para a ponderação: *Assument super te carmen lugubre*; & donde se acredita mais o grande de hũa pena, que em chegar a

di-

*Daniel
Aricol.
stell. 10 2
Cor B.
Virg.
Rel. 2. T.
Biblot.
Virg.*

*Ezech.
27.*

diminuirse por grande ?
onde mais se qualifica o
extremoso de hum senti-
mento , que na pondera-
ção de hũa grande pena ?

Job. 2.

Ponderáraõ os amigos
de Job a sua pena estan-
do até alli mudos pella
grandeza do pezar: *Nemo*
loquebatur ei verbum, vide-
bant enim dolorem esse ve-
hementem; & as vozes, que
se ouviraõ, foraõ lagrimas;
as palavras, que se escu-
táraõ, foraõ suspiros: *Ex-*
clamantes ploraverunt. Põ-
deráraõ os habitadores de
Tiro a sua ruina, & os con-
ceitos, que proferirão, fo-
raõ soluços, as razoes q̃
propuzeraõ, foraõ lamen-
tos: *Carmen lugubre:* & se
entaõ acreditado o senti-
mento se qualificou a grã-
deza daquella pena; hoje
que segũdo a razão se tro-
caõ as vozes em lagrimas,
as palavras em suspiros, os
conceitos em soluços, & as
razoes em lamentos, a-
creditado fica o nosso sen-
timento na ponderação de
tanta pena, & qualificada
a sua grandeza no relevan-
te de tanta magoa.

Todã a razão que mo-
veo o sentimento dos ami-
gos de Job, foi verem a-
quelle innocente Varaõ
sem bens, porque lhos des-
truio a desgraça, sem filhos,
porque lhos roubou a
morte: *Dominus abstulit.*
Todo o motivo que exci-
tou o pezar dos habitado-
res de Tiro, foi verem que
hũa Cidade entre todas a
mais soberana: *Perfecti de-*
coris ego sum; sumergindo
o mar tãta opulencia: *Nũc*
contrita est à mari; trocasse
a grandeza em ruina, a
gloria em pena, & a habi-
tação em soledade: *Ad ni-*
bilum deducta est.

E que mayor razão pa-
ra o nosso sentimento, que
ver a Maria Sãtissima, qual
Job em tanta pobreza, que
de tudo está destituida? sem
filho, porque lho roubou
a morte: *Raptus est filius e-* *Apoc. 12.*
jus ad Deum; sem bens, por
que todos perdeu no filho:
Vacuam reduxit me Domi- *Ruth. 1.*
mus. Que mayor motivo *Cant. 6.*
para o nosso pezar, que ver
aquella Jerusaleem sobera-
na: *Amica mea decora sicut*
Jerusalem: no mar de suas
la-

lagrimas submergida: *Tē-
pestas demersit me?* sem gloria, porq̃ passou a ser tormento; sem soberania, porque se trocou em desemparo; sem opulencia, porque se transformou em solidão: *Ego destituta & sola.*

Mas como, angustiadissima Maria, havemos entender de vós estas palavras? Tiro sei eu que se denominou solitaria, & destituida, porque pereceo todo o povo que a habitava: *Multi tudo tua, & opes tue ceciderunt:* mas vós Jerusaleem Soberana, como vos denominais solitaria, & destituida, não estando mortos os que vos assistião?

Que vos denomineis desamparada, bem entendo eu o fundamento; pois nas angustias que padeceis, nas penalidades q̃ sentis, não ouve quem vos consolasse: *Sustinaui qui consolaretur, & non inveni:* não ouve quem vos soccorresse: *Destituta erat ad auxilium postulandum* mas denominareis solitaria? Confesso q̃o não posso alcançar. A solidão

opposem-se à companhia: na vossa soledade, inda q̃ desamparada para o alívio, estaveis assistida para o sentimento; pois no mesmo texto sagrado leyo q̃ Joam assistia, que as Marias vos acompanhavão:

Stabant juxta crucem: & se *Joan. 19.* tendes companhia, como vos denominais solitaria: *Ego destituta & sola?*

Oh que implicancia! oh que admiração! Bem ponderou Jeremias a contradição destes termos, quando não reparando no desamparo de Jerusaleem pella considerar sem quem a consolasse: *Non est qui Thren. 1.* *consoletur eam,* se admirou fomento da sua soledade: *Quomodo sedet sola?* E como me não admirarei eu, se hum Profeta se admirou! Admirouse Jeremias por não comprehender como no seu captiveiro estava Jerusaleem solitaria quando assistida: *Civitas plena populo:* admirome, & qual Jeremias me suspendo, por não alcançar como na vossa soledade, Jerusaleem soberana, entre tanta companhia

panhia vos denominais solitaria: *Ego destituta & sola*. Reconheço tristíssima Maria, que estais deseparada, porq̃ sem soccorro: *Destituta erat ad auxilium*: confesso que estais só, porque vós mesma o dizeis: *Ego destituta & sola*: mas como solitaria, sendo assistida? como só, estando acompanhada: *Quomodo sola?*

Embaraçado nesta contradição, perplexo nesta implicancia, revolvi os livros cuidadoso, por ver se achava quem me explicasse o como Maria Santíssima na sua soledade se denomina só; & lendo no Psalmo 85. que David chama a Deos só: *Tu es Deus solus*, parecendome que na soledade de Deos achava semelhança a soledade de Maria, me vi na mesma implicancia perplexo, & na mesma cõtração embaraçado; porq̃ ponderada a razão da duvida, tambem Deos não pôde ser só; porque se o consideramos quãto á natureza, he hũ agregado de

divinos attributos; se quãto ás Pessoas, são tres as q̃ se identificaõ com aquella divina natureza: segue-se logo que nem Deos pôde ser só, nem a soledade de Maria tem semelhança com a soledade de Deos.

Assim o considerei muitos dias, tẽ que lendo Berchorio, achei aquelle texto de David de tal sorte exposto, que fiquei entendendo que só na soledade de Deos teve a soledade de Maria semelhante, pois se constituiu na sua soledade solitaria (como Deos. Attendei.

Diz Berchorio. expondo aquelle texto de David, que Deos he só por excellencia: *Tu es Deus solus per excellentiam*; porq̃ he só na fortaleza de seu poder: *Tu solus in potentie fortitudine*; he só no sublimidade de sua dignidade: *Tu solus in dignitatis celsitudine*; he só no eterno de sua duração: *Tu solus in eternitatis longitudine*: assim se denomina Deos só, porq̃ não ha quẽ no poder o iguale: *Qui facis mirabilia solus*; não

Psalms.
85.

Berch. 12.
verb solus

Psalms 71.

ha

ha quem no excelfo lhe compita: *Tu solus Altissimus*; não ha quem na duração se lhe assemelhe: *Solus habet immortalitatem*.

Atlim Maria com grandissima semelhança se denomina só na sua soledade: *Ego destituta & sola*: porq se Deos se denomina só por excellencia de seu ser: *Tu es Deus solus per excellentiam*; Maria se denomina só por singularidade de seu tormento: *Cui comparabo te filia Ierusalem*? se Deos se denomina só na fortaleza de seu poder: *Tu solus in potentia fortitudine*; Maria se denomina só no forte, & poderoso de sua pena: se Deos se denomina só no sublime de sua dignidade: *Tu solus in dignitatis celsitudine*; Maria se denomina só no excelfo de sua dor: se Deos se denomina só no eterno de sua duração: *Tu solus in eternitatis longitudine*; Maria se denomina só no eterno de seu sentimento não ha que a Deos iguale no poder, não ha que lhe cõpita no sublime, não ha que na duração se lhe as-

semelhe: nenhũa pena foi como a de Maria poderosa: nenhũa dor foi como a de Maria sublime: nenhũ sentimento na duração foi ao de Maria semelhante: *Nihil inveniri potest cui dolores virginis assimilari queant*.

E se Deos não obstante o infinito de seus attributos, não obstante a multiplicidade de Pessoas, por ser unico na fortaleza do poder, no sublime da dignidade, no eterno da duração, se denomina só: *Tu es Deus solus*; Maria na sua soledade, não obstante a companhia de Joam, não obstante a assistenciã das Marias, por ser unica no poder de sua pena, no sublime de sua dor, no eterno de seu sentimento, se denomina só na sua soledade: *Ego destituta & sola*.

Bem me parecia a mim, tristissima Maria, que hũa magoa tam sem igual como a vossa não podia ter semelhança senão em que não admite comparação: & agora venho eu a entender pellos attributos divi-

nos

Hug de S.
vitt. apud
Tid. serm
41 in T. 6
Parasi
confid 10

nos, que o eterno de vossa
sentimento, o sublime de
vossa dor, o poder de vossa
pena são de vossa soleda-
de os attributos; pois di-
zendo vós mesma por bo-
ca do Ecclesiastico, q̄ ereis
como o cedro: *Quasi ce-
drus exaltata sum;*

Ecclesiast

24.

Isai. 41.

por Isaias disse Deos q̄
havia de pôr o cedro em
hũa soledade: *Dabo in soli-
tudinē cedrum;* porque
como desta arvore seja
attributo a fortaleza: *Lig-*

Berch. lib.

12. *Redu-*

Et. mor.

num est magnæ soliditatis;
seja attributo o sublime:
Ceteris est altissima; seja at-
tributo a duração: *Diu du-
rans;* em hũa soledade se
havião de pôr os attribu-
tos: *Dabo in solitudinē cedrū.*

Os attributos divinos
constituem realmente a
Deos, porq̄ Deos de ne-
nhum modo se distingue
realmente dos seus attribu-
tos, de vossa soledade os at-
tributos realmente a consti-
tuem, porque de nenhuma
maneyra se distinguem da
vossa soledade: & assim co-
mo Deos he todo omni-
potente: *Tu solus in poten-
tiæ fortitudine,* todo subli-

*me: Tu solus indignitatis cel-
situdine,* todo eterno: *Tu so-
lus in æternitatis longitudi-
ne:* assim a vossa soledade,
com vossa licença, (angus-
tiadíssima Maria) haõ de
mostrar os meus discursos
fer toda poderosa na pe-
na, toda sublime na dor,
toda eterna no sentimen-
to; & solitaria pella singu-
laridade da magoa, qual
Deos pella excellencia do
fer: *Tu es Deus solus per ex-
cellentiam,* se reconhecerá
a razão com que na vossa
soledade vos denominais
solitaria: *Ego destituta & so-
la.* Está proposta a mate-
ria, entremos a discursala.

Omnipotente se denomi-
na Deos por essencia, cujo
attributo cõpetindo igual-
mente a todas as tres Pes-
soas Divinas: *Omnipotens
Pater, Omnipotens Filius,*
Omnipotens Spiritus San-
ctus, singularmente se attri-
bue ao eterno Pay: *Deus
Pater Omnipotens:* consiste
este attributo na virtude
divina connotando as cre-
aturas possiveis, que pôde
produzir a divina virtude,
a qual sô Deos a tem, por-
que

*Symb. Ath.
Eccles.*

que só Deos póde tudo: *Tu solus in potentia fortitudine.*

A quatro classes reduz a Omnipotencia Divina as suas operaçoens, pois quatro são os modos com que obra a Divina Omnipotencia: a saber, creando, produzindo, conservando, & destruindo: tudo se vé no homem, em quem Deos cria a alma, produz a união, conserva a existencia, & destroe a vida.

A soledade de Maria Santissima (com a differença que se sabe da creatura a Creador, em cujos termos fallo, & devo ser entendido) não he menos poderosa que a Omnipotencia Divina; pois consistindo em hũa paixão da alma vehementissima connotando o possível da pena, tudo quanto he afflicção, tudo quanto he dor, tudo quanto he tormento, tudo quanto he lastima, tudo quanto he angustia, creou, & produziu em Maria a sua soledade.

As angustias tendoas sé alivio, a lastima sem Esposo, o tormento anciado, a

dor sem filho, a afflicção sem remedio, o sentimento chorosa, a magoa sem alegria, & a pena sem alma: & sem alma, sem alegria, chorosa sem remedio, sem filho, anciada sem Esposo, & sem alivio, entre angustias, entre lastimas, entre tormentos, entre dores, entre affliçoens, entre sentimentos, entre magoas, & entre penas conservou a Maria a sua soledade: *Ego destituta & sola.*

E para que em tudo adequasse a semelhança das operaçoens da Omnipotencia Divina, destruiu a Maria a sua soledade, que he o quarto modo, com q obra a Divina Omnipotencia. E que destruiu a soledade a Maria? a alegria, o gosto, o contentamento? Não: porque o contentamento destruiu lho a afflicção, o gosto o pezar, a alegria a angustia: pois logo que destruiu a Maria a sua soledade? que havia de destruir? o que só póde a fortaleza da Omnipotencia Divina.

As essencias das cousas

B são

saõ fóra do domínio das creaturas; & como Deos creasse as almas essencialmente immortaes, nenhũa creatura pôde matar hũa alma: *Animas non possunt occidere*; porẽm Deos pôde matar hũa alma, porque lhe pôde anichilar o ser. Esta prerogativa he especialissima à Omnipotencia Divina, em a qual resplandece a fortaleza do poder de Deos: *Tu solus in potentie fortitudine*: & a soledade de Maria Santissima para qualificar a fortaleza do seu poder na semelhança da Omnipotencia Divina, foi tam forte no poder de sua pena, que matou a mesma alma da Senhora. Não me censurem o pensamentto, em quanto não fechar o discurso.

Disse S. Bernardo que aquella profecia, que o Santo velho Simeão fez à Senhora, que hũa espada lhe havia de trespassar a alma: *Est tuam ipsius animam pertransibit gladius*, entãõ se executou, quando depois de Christo estar mor-

tõ, lhe rasgou o peito aquella lança cruel, porq̃ entãõ se trespassou a alma da Senhora, que estava no coraçãõ do filho defunto. *Vere tuam* (saõ as palavras do Santo) *ô Beata Mater, animam gladius pertransivit, posteaquam emisit spiritum tuus ille Jhesus: ipsius plane non attigit animam crudelis lancea, quæ ipsius aperuit latus: sed tuam utique animam pertransivit: ipsius, mirum, anima jam ibi non erat: sed tua plane inde nequibat avelli.* Oh fineza! oh amor! que quãdo a propria alma de Christo, do seu cadaver se aparta, assiste a alma de Maria no interior de hum cadaver.

Já aqui tenho fundamento para mostrar que a pena da soledade de Maria lhe tinha morta a alma. A essencia de huã alma racional, segundo Aristoteles, he ser acto primario, q̃ communica vida ao corpo organizado; & por isso apenas Deos infundio a alma em Adam, quando passou a vivente: *Inspiravit in faciem ejus spiraculum vite*,
Bern.
serm. de
verb.
Apoc.

Arist. 2.
de Anim.
text. 7.
Gen. 2.

Matth. 1.
10.

Luc. 2.

Et factus est homo in animam viventem: & se a alma de Maria Santissima reside no corpo de Christo organizado: *Anima tua plane inde nequibat avelli*, & não obstante essa residencia, he cadaver aquelle corpo; bem se segue q̃ estava morta aquella alma, pois não animava o corpo organico em que residia.

Em espirito vio o Psalmista a Christo Senhor nosso morto por nosso remedio: & como amante daquella vida lhe roga q̃ resuscite, & se levante do sepulchro, em que jazia assim Christo, como a Arca de sua Santificação: *Surge Domine in requiem tuam, tu, & arca sanctificationis tue*: assim explicação este texto S. Hilario, S. Agostinho, & S. Gregorio: *Exsurrexit Dominus in requiem suam, cum carne suam de sepulchro suscitavit*: & S. Bernardo, Chrysostomo, Thaumaturgo, Hugo, & Galatino entendem por esta arca, de que aqui trata David, a Maria Santissima, q̃ juntamente cõ

Christo havia de resuscitar: *Eodem testimonio utitur pro Deiparæ resurrectione*.

A resurreição suppoem morte: & se Maria havia de resuscitar juntamente com Christo: *Tu, & arca sanctificationis tue*; segue-se que com Christo estava morta juntamente a Senhora. Não estava Maria morta quanto á vida natural, porque inda que acabando de angustias, vivia das mesmas ancias: *Vivebat moriens*: estava morta quanto á alma, porque para a alma lhe faltou a vida; & reconhecendo David que a fortaleza da pena de Maria na sua soledade lhe matava a alma, se o odio dos homens na Cruz tirou a Christo a vida, a ambos roga q̃ resuscitem, porque os considera mortos ambos: *Surge Domine in requiem tuam, tu, & arca sanctificationis tue*.

E como he possível que não acabando Maria a vida natural, morresse a alma da Senhora? A alma he principio, & acto vital, que infunde, & comunica a

vida da natureza: & se Maria naturalmente vive, não estava morta a alma de Maria. Forçoso he o argumento: mas he cabala reposta. Attendei com applicação.

Duas vidas tem quẽ ama, & consequentemente duas mortes: hũa vida da natureza, outra do amor: de ambas he a alma principio, porque as infunde ambas: a da natureza, unindose ao corpo; a do amor, unindose ao objecto amado: mas com esta differença, q̃ da vida da natureza he a alma principio total, & da vida do amor he principio parcial, porque tambem a alma do amado he principio daquella vida: *Amor est quedam vita duo copulans*, disse Agostinho: a união da natureza faz que o corpo viva pella vida da alma; a união do amor faz que a alma do amante viva tambem pella vida do sujeito querido: *Erunt duo in carne una.*

Maria santissima vivia ambas estas vidas, do amor, & da natureza, & a sua mes-

ma alma, que unida a seu corpo lhe infundia a vida natural, unida a seu filho Christo, a quẽ amava, lhe communicava a vida do amor: de sorte que a alma da Senhora sendo principio vital da natureza, era tambem do amor principio vital; & como a vida do amor se cõstitue juntamente pella vida do amado; faltando a vida do amado, consequentemente falta a vida do amor, pois de duas compartes se integra, & constitue aquella vida: *Est quedam vita duo copulans.*

Isto assim ponderado, ja ficarã entendido o como podia morrer a alma de Maria vivendo a vida da natureza: porque como a vida do amor que gozava a alma da Senhora, se constituia juntamente pella vida de Christo, extincta a vida de Christo, cõsequente-mente se acabou a vida daquella alma: era Christo o objecto q̃ Maria amava; era a vida de Christo a de quem como parte constitutiva depedia a vida amorosa da alma da Senhora:

&

Aug.
adul
Alapid

Genef. 2.

& se pereceo aquella vida, como não havia de morrer esta alma?

Quando Ioseph no Egypto, por hũ furto que suppoz, mandando os outros Irmaõs, deixou ficar consigo Benjamin, com humildes preces & submissas deprecaçoens lhe pedio Judas permitisse voltar cõ Benjamin seu Irmaõ, & como as supplicas para cõseguirem o despacho devem fundarse em razão equivalente, assignou Judas por razão de sua supplica, haver de morrer seu Pay Jacob na sua falta: *Cum pater viderit eum non esse, morietur.*

Grande fundamẽto para o reparo me motiva esta razão. E porque, dizei-me Judas, havia de morrer Jacob se lhe faltasse Benjamin? Responde com o texto: porque da vida de Benjamin pende a vida de Jacob: *Cum anima illius ex hujus anima pendeat, videritque eum non esse, morietur.* Nova duvida: & que dependencia he esta tão rigurosa, q̃ se cifra não

menos q̃ na vida? que vida he esta tam unica, que anima a Benjamin, & a Jacob sendo dous sujeitos distinctos, & separados? Não era a vida da natureza, porque cadaqual tinha a sua propria vida; he a vida do amor, diz o mesmo texto: *Pater tenerè diligit eum*, que unindo a alma de Jacob à vida de Benjamin, constituindo como partes hũa unica vida, fez que daquella vida amada pendesse a vida daquella alma amante: *Cum anima illius ex hujus anima pendeat, videritque eum non esse, morietur.*

E se do amor de Jacob para com Benjamin affirmou Judas a sua morte por consequencia de sua falta; bem da falta do voffo Filho, sentidissima Senhora, infiro eu a vossa morte: morreria a alma de Jacob, porque da vida de Benjamin pendia a amorosa vida daquella alma: *Cum anima illius ex hujus anima pendeat, morietur.* Morreo a vossa alma, deseparada Senhora, porque a sua

sua vida amorosa, da de Christo dependia. Não foi Jacob Pay mais amante, do que vós Mãy extremosa; & se aquelle amor constituiu daquelle vida a dependencia: *Pater tenet diligere eum*; bem fundo a dependencia de vossa vida no excessão de vosso amor.

A vida de Benjamin, por amado, constituiu como parte a vida do amor que gozava a alma amante de Jacob; & se da falta daquelle vida era consequencia a morte daquelle alma: *Cum anima illius ex huius anima pendeat, morietur*; bẽ da falta do vosso amado JESVS infiro de vossa alma a morte; pois constituindo-se tambem pella vida de Christo a amorosa vida de vossa alma, morreo a vossa amantissima alma; porque morreo aquella amada vida.

Sabido he, que do amar só vive hũa alma: & ja fica satisfeita a duvida, pois fica explicado o como podia morrer a alma de Maria, vivẽdo natural-

mente a Senhora: morreo, porque na vida de Christo lhe faltou a vida do amor de que vivia a sua alma: & vivia naturalmente a Senhora, porque a alma não se lhe separou do corpo, indaque nõ de Christo affectuosamente assistisse: aquelle mesmo principio vital, que totalmentẽ infundio no corpo de Maria a vida da natureza mediãte a uniaõ, conservou a Maria a vida natural; porque inda na sua soledade perseverou unida ao corpo da Senhora a sua santissima alma: & pella morte de Christo extincta totalmentẽ a vida do seu amado filho, morreo quanto á vida do amor, a qual se constituia como de principio parcial, por aquella outra vida: *Erunt duo in carne una*.

Agora entendo eu a S. Bernardo dizer que Maria Santissima na sua soledade vivendo quasi morta, vivia morrendo, & que não podia morrer estãdo morta: *Quasi mortua vivens, vivebat moriens*: moriebat

Bernard.

tur

tur vivens, nec mori poterat, que vivens mortua erat. Pois agora vejo, tristissima Maria, que vivendo a vida da natureza, ao mesmo tempo morrias na do amor; & estando na vida do amor morta, não podias morrer para a natureza.

Oh Seraphins amantes! já não podeis presumir de singulares na vossa fineza, porque Maria vos retrata na sua pena: pois se de vosso amor a singularidade fez q̃ assistindo a Deos em hũ throno, ao mesmo tempo assistissem, & não assistissem, voassem, & não voassem: *Stabant, & volabant*: a pena de Maria poderosa fez que na sua soledade ao mesmo tempo vivesse, & não vivesse, acabasse, & não acabasse: *Nec mori poterat, que vivens mortua erat.*

Pareciame que tinha satisfeito à duvida, q̃ podia oppor-se a esta minha resolução; mas tenho que soltar outra não menor difficuldade: & vem a ser, que para Deos matar huã alma, que he essencialmente immortal, hade destrui-la

a effencia anichilando-lhe o ser: Deos não anichilou a alma de Maria Santissima, porque animava o corpo physico da Senhora inda na sua soledade; seguesse logo que não morreo aquella alma. Grande instancia. Mas oh que poderosa pena!

He certo que para Deos matar huã alma que creou, a hade reduzir ao nada, seu primeiro principio; & como a alma de Maria Santissima physicamente não morreo na sua soledade, não anichilou Deos a alma de Maria. Fez então a pena poderosa que aquella mesma alma de Maria, principio vital do amor, & da natureza, morta na vida do amor quanto aquella formalidade, deixasse de ser alma. Eu me declaro.

Faltando na vida de Christo a amorosa vida da alma de Maria, morreo quanto à parte do amor a alma da Senhora; & como a anichilação he total redução ao nada, inda que morta quanto a esta parte, não podia anichilar-se a alma

ma

ma da Senhora, porque inda perseverava, quanto principio vital da natureza: que fez entao a pena de Maria para ostentar a fortaleza do seu poder? não podendo anichilarhe a alma, destruíolha por conversão: fez a alma de Maria em quanto amante de seu filho, não principio da vida, senão de penas: principio; não hum acto vital, senão hũa viva pena.

Por Joel disse Deos que a Lua havia de converter em sangue o seu resplendor, no tempo em que extinctos do Sol os rayos transformasse em trevas a sua luz: *Sol vertetur in tenebras, & Luna in sanguinē.* Explicã Voraginez este texto, & diz que Maria simbolizada na Lua se converterá em dor: *Luna versa est in sanguinē, idest, Beata Virgo in dolorem*: pois a fortaleza de sua pena, quando os rayos de Christo Sol Divino se transformáramas trevas de hum cada-ver, converteo em pena a alma da Senhora, nova

fôrma que introduzio para aquella conversão lastimosa: *Luna versa est in sanguinem, idest, Beata Virgo in dolorem.*

E que pena pôde haver mais poderosa que a de Maria, que em sy transformava a alma da Senhora? No diviniſſimo Sacramêto do Altar mais que em outro qualquer myſterio se ostenta Christo poderoso: *Solummodo ibi magnificus est* ^{Isai. 33.} *techef.* ^{Cyrl. Io.} *Dominus noster*: & que faz Christo no Sacramento ^{4. Alap} ^{sup. Eccleſ.} ^{Sagil. In-} ^{grat.} por ostentação de seu poder, senão transformar em sy quem dignamente o cõmunga? *Effici-mur Christi-feri.*

Nasce o amor da pena, & a pena do amor: *Ex amore dolor, ex dolore nascitur amor*; & pello poder do amor se mensura o poder da pena: *Quo quis plus patitur, eo plus diligit*: & q̃ muito que a pena de Maria fosse tam poderosa que a convertesse em pena, se o seu amor foi tam activo que a converteo em amor?

Nos Canticos encomendou o Esposo que não
acor-

Joel. 2.
Vorag. in
Marial.

acordassem a sua querida:

Ca. 2.

*Ne suscitetis dilectā, quoad-
usque ipsa velit; & não
reparando eu neste cuida-
do, porque quem com ve-
ras ama, sempre se desvela
no fôcego de quem adora;
reparei que onde a nossa
vulgata tem, Dilectam, a-
z-mada, le Vatablo o a-
mor: Ne expergefatiis
amorem. O amor he hũa
paixaõ da alma: ser ama-
do, he ser termo de ssa pai-
xaõ: & como assim queri-
da se denomina a Esposa o
mesmo amor: Ne suscitetis
amorem? Direi com hum
Douto.*

Vatabl.

Porque o amor de Ma-
ria foi tam poderoso, que
em amor converteo a Se-
nhora: *Tam magnus igitur
amor fuit Matris ad filium,
quod ipsa erat tota in amo-
rem conversa: & se pello
poder do amor se mensu-
ra o poder da pena, sendo
o amor de Maria tam acti-
vo, que em amor conver-
teo a Senhora; que muito
fosse a sua pena tam pode-
rosa, q̃ em pena transfor-
masse a alma de Maria? Lu-
na versa est in sanguinem,*

Forag in
Marial
serm. 5.

*id est, Beata virgo in dolo-
rem.*

1. Reg. 1.

Oh com quanta mayor
razaõ do que Anna desgra-
çada entre todas as molhe-
res, vos lamêtais a mais in-
feliz: *Mulier infelix ego
sum!* pois se Anna se pran-
teava infeliz por não ter
hũ filho; vós, solitaria Se-
nhora, na perda de hũ filho
que hoje não tendes, pade-
ceis huã soledade tam po-
derosa na pena, q̃ aseme-
lhandose à omnipotencia
do Eterno Pay, toda a af-
liçaõ possivel creou, to-
da a magoa possivel pro-
duzio, & conservou todo
o tormento possivel, & o q̃
mais he, que sendo a vossa
alma immortal, destruiu
a vossa alma, & conver-
tendoa em huã viva pena,
vos deixou só para a pe-
na viva: *Vivebat mori-
ens.*

Que soledade póde com-
petir com a vossa, sentidif-
sima Maria, senão a divina
soledade? *Tu es Deus solus:*
pois se na soledade divina
se dá hũ poder tam forte,
que tudo anichila: *Tu solus
in potentie fortitudine,* na
vossa

vossa soledade reconhece-
mos huã pena tam pode-
rosa , que tudo destroe :
Versa est in dolorem : & dei-
xandovos sem vida do a-
mor, que animava a vossa
alma ; sem remedio, por q̃
de todo o soccorro desem-
parada : *Destituta erat ad
auxilium*, para seres como
Deos solitaria, vos deixou
vida : *Ego destituta , & so-*
la.

Essencialmente sublime
he Deos : *Tu solus in digni-*
tatis celsitudine ; cuja sobe-
rania he unica : *Tu solus Al-*
tissimus ; cuja grandeza he
singular : *Quis Deus mag-*
nus sicut Deus noster ? A
dor que Maria Santissi-
ma padeceo na sua soledade , compete, & se as-
semelha no sublime ao
mesmo Deos : & he a se-
gūda parte do meu assum-
pto.

De tal sorte he Deos su-
blime elevado , q̃ he uni-
co na soberania , & singu-
lar na grandeza : *Tu solus in
dignitatis celsitudine* : de tal
sorte se sublimou em Ma-
ria aquella dor, q̃ se consti-
tuiu singular na grãdeza,

& unica na soberania. Tam
grande foi a dor de Maria
na sua soledade, que affir-
ma S. Bernardo ser mayor
do que a que todas as crea-
turas juntas podiam pa-
decer : *Virginis dolor erat* Bernard.
serm. 45.
in Quã-
drag.
Agric
maior plus quàm omnes cre-
aturæ possent portare : & Da-
niel Agricola passou a di-
zer que era mayor do que
os Anjos , & os homens
podiaõ considerar : *Abfor-*
pta erant ipsius viscera ma-
ternis doloribus , ultra quam
homo vel Angelus perpen-
dere possit : & se nem os
Anjos , nem os homens
por grande a podem com-
prehēder, como a poderei
eu hoje pôderar ? Recorra-
mos ao mysterio da En-
carnação, que hoje inclue
a circumstancia do dia, que
poderã ser que nos dē fun-
damento para o discurs-
so.

Hemos de suppor pri-
meiro com S. Antonino, q̃
a grandeza de huã dor se Antonin.
opusc. B.
Virg. cap
41. §. 2.
funda na grandeza de hũ
affecto : *Dolor fundatur in*
amore ; porque tanto se se-
te hum bem perdido, quã-
to se amava esse bẽ goza-
do

do; pois não são cousas distintas amar & sentir, antes he huã mesma cousa sentir, & amar. Aquella espada que aguda trespassou a alma de Maria, S. Bernardo, & S. Hieronymo dizem que era formada de dor: *Gladius, idest dolor*: & S. Ambrosio com outros diz que era de amor aquella espada: *Gladius, idest amor*: ou já para que soubessemos, q o amor, & a dor senão se paraõ; ou para que entendessemos, que o sentir se não distingue do amar: o que supposto, pello amor de Maria viremos a conhecer a qualidade, ou grandeza da dor da Senhora.

Amava Maria Santissima a Christo seu filho com hu amor tam fino, com hua fineza taõ extrema, que não ouve, nem ha de haver Mãe que mais ame a seu filho, do que a Christo

Ansel. de excell. Virg. cap. 4. Agricola amava Maria: *Excedit omnes amores parentum in filios amor istius Matris in filium suum*, disse Anselmo: & a razão de tanto excessão disse o Agricola que se

fundava em saber Maria quem era o seu filho, donde, & como se concebera: *Sciebat siquidem Mater qualis erat filius, unde concepius, & quomodo*. Maria Santissima sabia que o seu filho era o Verbo Eterno de Deos, que sahindo do coração do Eterno Pay, o concebeo homem no seu coração: & deste fundamento parece se infere q era summo, immenso, & infinito o amor de Maria para com Christo. Attendei à razão.

O amor de Maria foi o que cõcebeo o Verbo Divino, & por isso senão effectuou o mysterio da Encarnação sem consento da Senhora: *Virginis expe-*

Etavit consensum ut amor Acad. 13.
cõcipere ostenderetur. Edõ. Aug. lib. 4. de Symb. ad catechum.
de concebeo o amor de Maria ao Verbo? donde? No coração, disse a Aguiã de Augustinho: *Angelus ad Virginem loquitur, a Virgine pręparatur cor*. O coração he forja dos amores, o coração he origem, & fonte dos affectos; & concebendo o amor de Maria

ao Verbo no coração, nascendo o Verbo homem do coração de Maria, era Christo em quanto filho de Maria o amor de seu coração; era summo, era immenso, era infinito o amor de Maria.

Por David disse o Padre Eterno, q̃ o seu coração lançara huã palavra boa:

Eruſtavit cor meum verbū bonum: q̃ he o Verbo Divi-

no q̃ gerou o Eterno Pay. He de ſe q̃ o Espirito Sãto, Divino amor, he inspi-

rado pella vontade divi-

na: o coração de Maria imitando ao Eterno Pay

lançou de ſy feito homem aquella palavra boa de

Deos: Verbum caro factū

eſt, & aſſemelhandose á vō-

tade divina na inspiração do Espirito Santo, gerou

homem o Verbo termo de ſua vontade, porque filho de ſeu amor: Omnis Mari-

annæ volūtatís terminus fili-

us Dei eſt, quem gignit, & ſe

o Eterno Pay por gerar ao

Verbo o ſeu coração, ama

ſummaſſimamente ao Verbo:

Pater diligit Filium; & ſe

o Espirito Santo por ſer

termo inspirado pella vō-

tade divina, ſe coſtitue a-

mor immenſo, & infinito;

infinito, & immenſo he o

amor de Maria para com

Chriſto, pois o Verbo ge-

rado homē he termo pro-

duzido pello ſeu amor; &

pello gerar, & conceber no

ſeu coração, he Chriſto

ſummaſſimamente amado de

Maria: Summē diligebat

Mater filium.

A cauſa do amor dos

Pays para com os filhos he

a natureza generante, cuja

parte nelles transfundem;

& como o Eterno Pay cō-

munica ao Filho toda a ſua

natureza: Figura ſubſtantie

ejus, ſummaſſimamente ama

ao Filho o Eterno Pay: a cau-

ſa do amor de Maria para

com Chriſto não he ſó a

natureza q̃ o gerou, ſenão

tãbem o amor que o pro-

duzio: Ama, & peperisti, Il-

deſonſo a ſenhora: & quē

poderã negar a ſingulari-

dade, & exceſſo do amor

de Maria? pois ſobrando

a natureza para cauſar o a-

mor mais ſolido, como o

que ſe dá entre os Pays, &

os filhos; Maria alem da

natu-

Pſalm. 44
Orig.
Hom. 2. ex
diverſ.

Joann. 1.

Luzerd.
Acaz. 15.
num. 45.

Joann. 5.

Antonin.

Ad He-
br. 1.

Idiſonſo
ſerm. 1.
de Nat.
Virg.

natureza tem por causa o
mesmo amor.

Singular na grandeza
foi o amor de Jacob para
com Joseph a respeito dos
outros filhos: & a razão da
singularidade diz o sagra-
do texto que era, por ser
Joseph. filho do amor, &
da natureza; pois quãdo o
caduco da idade impossi-
bilitou â natureza as for-
ças, juntou o amor as suas
forças â natureza, gerando
a Joseph a natureza, & o a-
mor: *Præ cæteris diligebat*
Joseph, eo quod in senectute
sua genuisset eum: & se o a-
mor de Jacob para cõ Jo-
seph pello haver gerado
cõ a natureza era singular-
mente grande, singular na
grãdeza he o amor de Ma-
ria para cõ Christo; pois de
sua geração temporal não
só foy causa a natureza,
mas tambem o amor, que
vendose em Christo pro-
duzido: *Omnis Mariannæ*
voluntatis terminus filius
Dei est quem gignit, qual o
amor divino na Pessoa do
Espirito Santo inspirado,
he summo, he immenso, he
infinito o seu amor: *Amor*

suus quem Virgo Beata por-
tabat Christo ejus unigenito
filio. erat infinitus: disse Ber-
nardo.

Assim sabia Maria que
filho tinha, donde, & co-
mo o havia cõcebido, pois
ao filho eterno de Deos
concebeo o seu amor no
seu coração: *Sciebat siqui-*
dem Mater qualis erat filius,
unde conceptus, & quomodo.
E como a dor se funda no
affecto, disse Agricola, q̃
tam grande foi a dor de
Maria na sua soledade,
quanto era o seu affecto
grande: *Tanto dilexit ten-*
erius, quanto vulnerata est
profundius. Ponderay vós
agora o profundo daquel-
la dor, cuja mensura foi a-
quelle affecto; & sendo in-
finito aquelle affecto, no
sentido explicado, bem se
segue que foi aquella dor
infinita. Tornemos a Ja-
cob, & a Joseph.

Vendido aos Madiani-
tas por seus Irmãos alei-
vosamente o Patriarcha
Joseph, trouxe Rubem a
seu Pay Jacob a tunica de
Joseph ensanguentada; &
conhecendo o velho ser de
seu

Agricola

Gen. 37. seu filho : *Tunica filij mei est* ; imaginando-o morto, despedaçou as suas vestiduras sentido, & cuberto de hum cilicio chorou a morte de Joseph com tanto excesso, que sem admitir consolação, perseverou eterno naquelle sentimento : *Noluit consolationem accipere, illo perseverante in fletu.*

Quem não repara na grandeza deste pesar? Patriarcha Santo, que sintais a morte de vosso filho, assim o pede a razão, assim o dispoem a natureza : mas que seja tam grande o vosso pesar, que não perdando ao caduco de vossa idade, persevereis eterno no vosso pranto, sendo para vós o mayor este sentimento : *Nulla alia calamitas me ita ad pœnitentiam provocat, sicut mors ista adolescentis?*

Naõ era Simeão vosso filho como Joseph? Naõ ha duvida : pois sabendo q̃ estava Simeão preso, & captivo : *Tenetur in vinculis*, que por ser huã morte civil o consideraveis mor-

to : *Abq̃ liberis me esse fecistis*, não fazeis excessos na sua falta, como na morte de Joseph que não estava averiguada, & só vós a presumicis : *Fera pessima devoravit Joseph*, vos entregais ao sentimento com tanto excesso? *Illo perseverante in fletu noluit consolationem accipere.*

Oh deixay, que com muita razão. O sentimento de hum bem perdido mede-se pello amor quando gozado : *Tanto quis dolet de amissione alicujus rei, quanto ipsam diligit*, & como o amor de Jacob para com Joseph pello haver gerado o seu amor, era mayor q̃ o de todos os outros filhos : *Diligebat Joseph super omnes*, havia de ser o seu sentimento mayor. Pouco importa que a morte de Joseph não fosse averiguada, se chegou a ser presumida, & como o amor experimentava aquella falta, sobrada tinha a razão para o sentimento : & faltando Simeão como menos amado, que muito que Jacob senaõ mostrasse tam sentimento?

Anonim

Zulet.
cap. 4. 8.
35.

Genes.
42.

Se

Se Jacob amasse a Simeão como a Joseph, havia de sentir a sua falta com semelhante demonstração; mas como menos o amava, por isso o sentia menos; & a de Joseph como a de mais querido, deixou a Jacob mais penalizado: *Illo perseverante in fletu non hui cōsolationē accipere*; que como o sétimeto nasce do amor, *Ex amore dolor*, a grandeza daquelle amor igualou a daquelle sentimento: *Tanto quis dolet de amissione alicujus rei, quanto ipsam diligit.*

Quanto mais singular, & relevante, quanto mayor & excessiva que a dor de Jacob, foi, angustiadissima Maria, a vossa dor: pois Jacob só imaginava morto o filho mais querido: *Fera pessima devoravit Joseph*, & vos contemplais realmente defunto o vosso filho mais amado: & se foi summo aquelle sentimento de Jacob, porque aquelle amor era summo: *Diligebat Joseph super omnes*; infinita he a vossa dor, pois o vosso amor para com Christo in-

finito, foi mensura de vossa dor: *Tanto dilexit tenerius, quanto vulnerata est profundius.*

Não só foi singular na grandeza a dor que Maria Santissima padeceo na sua soledade, mas tambem foi unica na soberania, pois tendo as mais dores por fogeito o passivel, a dor de Maria na sua soledade teve por fogeito o immortal: & aqui tédes a razão de todo este discurso. Todos os Santos padecerao por Christo no corpo, diz S. Hieronymo; porẽm Maria padeceo por Christo no entendimento: *Alij Sancti passi sunt pro Christo in carne*, *Beata Maria in ea parte sui passa est, quae impassibilis, & immortalis habetur*; *hoc est in mente*; & por isso tam relevante, & sublime ador de Maria, quanto mais unica que todas as outras dores: *Idecirco, ut verum fatear*, prosegue o mesmo S. Doutor, *plus quam martyr fuit, quia atrocius passa est.*

Ay de vós mil vezes, angustiadissima Maria, que não

Hieron.
serm. de
Assumpt.
Vorag. in
Marial
chitoven.

naõ só padeceis huã pena
que vos mata a alma, mas
sóportais huã dor q̃ voz
atormenta o entendimen-
to! mas sendo o entendi-
mento potencia da alma,
como havia de eximir-se
da dor, se a alma senão
izentou da pena?

Em nenhuã cousa podia
a soledade da Senhora
mostrar o sublime de sua
dor, como na circumstan-
cia de padecela a mesma
Senhora no entendimento.
O entendimento he a por-
cia mais nobre & excelsa
que tem huã alma, he im-
passivel, he immortal: &
que por todos estes fóros
& privilegios cortasse a
dor de Maria! oh dor que
assim te acreditas excelsa!
Tu solus in dignitatis cel-
situdine. Só Deos he excel-
so na dignidade, porque
só Deos excede a todos
no sublime: *Tu solus Al-*
tissimus. Este predica-
do de Altissimo, inda que a to-
das as tres Pessoas Divinas
compita, com especialida-
de se attribue ao Verbo Di-
vino: *Verbum Dei qui celsis-*
simus est, por ter só elle a

dignidade de ser intelli-
gencia do Eterno Pay, da-
qui nasce dizer S. Ambro-
sio q̃ o nome de Altissimo
convê a Christo, & a Igre-
ja Catholica só a Christo
dar este nome: *Tu solus Al-*
tissimus Jesus Christus, que
como a pessoa do Verbo
supposita a humanidade
de Christo, só a Christo
compete, o q̃ he especial ao
Verbo: & naõ se dando ex-
cesso, ou ventagem algu-
ma entre as Pessoas Divi-
nas: *Totæ tres Personæ coe-*
ternæ sibi sunt, & coe quales,
por ser entendimento o
Verbo, ao nosso modo de
entender parece que assim
como nas potencias da al-
ma o entendimento he a
mais sublime, o Verbo por
intelligencia eterna he o
mais excelsos: *Verbum Dei,*
qui celsissimus est: & se Ma-
ria padece no entendimen-
to a dor de sua soledade, q̃
mais sublime dor que a de
Maria?

Attendite & videte sicut
dolor, sicut dolor meus. Cõ
estas vozes diz S. Hierõ-
nimo, se lamêta Deos por
boca de Jeremias: *Vox est*
Dei

Dei dolentis: & inculcãdo-nos nellas o seu sentimento, publica o sublime da sua dor, q'já pello mesmo Profeta no capitulo duodecimo havia dito q'de todas era amais excelsa: *Dolor meus super dolorem*. Não se pôde duvidar do sublime desta dor, pois o disse o mesmo Deos: *Vox est Dei dolentis*; permitalame porrẽm averiguar a causa por que sobre todas se sublima esta dor. E quem ha q' ignore esta causa?

Seria porque era dor de hum Deos? Não era só por isso; porque sentindo Deos a dor da offensa dos homens no tempo do diluvio com tanto excessõ que lhe penetrou o coração: *Tactus dolore cordis intrinsecus*, não disse q'era a mais sublime: logo não era só essa a razão. Arazão porque esta dor, de que Deos se queixa por Jeremias, he mais excelsa que todas, he porque padecendoa hum Deos, a padeceo a Pessoa do Verbo, que se havia feito homem, *Vir dolorum*.

Não he o Verbo divino

intelligência do Pay? Assim o cremos: não he o Verbo impassivel: não he immortal? assim o confessamos: pois se não obstante ser o Verbo immortal, ser impassivel, ser intelligencia, com tudo padece o Verbo: *Pro nobis passus est*; seja esta dor de Deos a mais sublime: *Dolor meus super dolorem*, seja a mais elevada: *Si est dolor sicut dolor meus*, pois a padece o sujeito mais excelsõ: *Tu solus Altissimus Iesus Christus*.

Padeceo Deos aquella dor no tempo do diluvio, & tendo excelsa pello sublime do sujeito, não disse que era de todas a mais sublime, porq' só a padecia o coração, mas não a soportava o entendimento: *Tactus dolore cordis intrinsecus*: mas esta, que a intelligencia divina he que a padece, he de todas a mais excelsa, & por isso Deos a publica mais sublime: *Dolor meus super dolorem*.

Tam relevãte foi aquella dor de Deos, q' não perdoando ao impassivel, chegou a atormetar o immortal,

tal, & vendo que o Verbo
por intelligencia do Pay
se denomina com especi-
alidade excelsa: *Verbum*
Dei qui celsissimus est, pas-
sou por acreditar-se subli-
me, a penalizar o mesmo
Verbo: *Pro nobis passus est*.
A dor de Maria Sãtissima
na sua soledade por quali-
ficar-se excelsa, não atten-
dendo ao immortal, não
respeitando ao impassível,
sendo o entendimento a
potencia da alma mais su-
blime, chegou a atormen-
tar-lhe o entendimento:
Beata Maria in ea parte sui
passa est, quæ impassibilis &
immortalis habetur, hoc est,
in mente.

Por isso eu disse, sentidi-
ssima Senhora, que a vossa
dor no sublime só a Deos
se assemelhava, pois só em
Deos achey dor tam subli-
me como a vossa. Apenas
nascido, quando logo mor-
to o vosso querido filho,
parece que retratando o
dia de hoje, em que con-
cebido o lamentais mor-
to, vos vio S. Joã voar
para a vossa soledade: *Rap-*
tus est filius ejus ad Deum,

& mulier fugit in solitudi-
nem: & nestes voos não
qualquer ave vos confide-
rou, senão como Aguia vos
descreveo: *Datæ sunt mu-*
lieri alæ duæ Aquilæ mag-
næ ut volaret in desertum;
que como na vossa soleda-
de padeceis hãa dor tam
sublime, que vos atormen-
ta o entendimento, sendo
a Aguia, por symbolo da
sabadoria, que no enten-
dimento se funda, a mais
excelsa das aves, ficou co-
nhecido ser a dor de vossa
soledade a mais sublime
das dores, pois a padeceis
sendo Aguia: *Datæ sunt*
mulieri alæ duæ Aquilæ
magnæ ut volaret in deser-
tum.

Na Aguia não só vós vos
figurais, mas tambem vos-
so filho se representa: *Sic-*
ut Aquila, sic & Christus;
& fez evidente estes voos,
que só no filho de Deos te-
ve semelhança o sublime
de vossa dor, pois ambos
padeceis sendo Aguias: &
na equivalencia deste at-
tributo: *Tu solus in dignita-*
tis celsitudine, vos denomi-
na a vossa soledade solita-
ria

Bern.

serm.

B. Virg.

Primaf.

Amb. lib.
2. de Sa-
lem. cap. 2.

ria como Deos: *Ego destituta & sola.*

Essencialmente he Deos eterno, porque não tem principio, nem fim a sua duração: *Tu solus in eternitatis longitudine*; & estamos no terceiro & ultimo discurso. Com serem igualmente eternas as tres Divinas Pessoas: *Aternus Pater*, *Aternus Filius*, *Aternus Spiritus Sanctus*, parece q̃ ao Espirito Santo especialmēte devemos attribuir a eternidade; assim porq̃ ao Pay attribuímos o poder, ao Filho o sublimē, como porque ao Espirito Santo compete o eterno.

O Espirito Santo he aquella Pessoa Divina, que procedendo sem temporella vontade do Pay, & do Filho, he termo actualmente inspirado daquella vontade: & quando como termo parece que finaliza o mysterio, referindose a seu principio inspirativo eterniza a duração do amor divino: & fêdo a Eternidade, como definio Boetio, huma vida, & duração

sem termo: *Interminabilis Boeth. lib. vita tota simul, & perfecta 5. de cons. possessio*, ao Espirito Santo cõpete a eternidade, pois sem finalizar o amor do Pay, & do Filho, vivem eternos naquelle amor: *Tu solus in eternitatis longitudine.*

A soledade de Maria Santissima, com grande semelhança à vontade divina produzio na Senhora hum sentimento eterno. O sentimento he huã dor da alma: *Luctus est dolor animi*, & este só se conhece pelas lagrimas, diz S. Gregorio Nisseno: *Dolor in corde delitescens per fletum manifestatur*; ou porque as lagrimas sam vozes da alma, ou porque sam effectos do sentimento.

Estava Maria Santissima na sua soledade como o revelou a mesma Senhora, & com a torrente dos Santos Padres, diz S. Antonino, toda chorosa: *Stabat lacrymis plena* (& nenhũ S. Padre negou absolutamente o effecto das lagrimas ao sentimento de Maria: & S. Ambrosio

Dij quan-

quando disse que a Senho-
ra não chorou, fallou só-
mente do tempo em que o
Evangelista a descreve im-
movel ao pé da Cruz: *Stabat juxta Crucem stantem in lego stentem non lego, scilicet juxta crucem*) & como as
lagrimas são testemunhos,
& effeitos do sentimento,
para que se conhecesse que
era eterno o sentimento de
Maria na sua soledade, fo-
rão eternas as suas lagri-
mas.

Eterno he o Espirito Sã-
to, como eu já disse, porq̃
sendo termo inspirado
pella vontade divina refe-
rindo-se ao Pay, & ao
Filho que o inspirarão, se
constitue relativo á von-
tade inspirante, de manei-
ra q̃ no eterno une-se o
principio, & o fim, ou se
convertem de sorte, q̃ fica
sem fim, nem principio:
por isso o circulo, diz Ri-
cardo, q̃ he simbolo da
eternidade: *Figura circula-
ris significat aternitatem*,
porque formado não tem
principio, nem fim: & S.
Zeno chamou eterna a vi-
da do sol: *Dies sempiter-*

nus illuxit, porque quando
no Occaso a nossa vista se
sepulta em sombras, com a
mesma pompa de luzes
continua para os Antipo-
das o seu luzimento, unin-
do, ou convertendo o fim
em principio, a morte em
vida, o Occaso em nasci-
mento.

Isto assim entendido, fū-
dando-me no que já disse-
rao os Santos Padres, & na
doutrina de S. Thomás, q̃
ensina que só o moto cir-
cular pôde ser perpetuo,
ponderay comigo a eter-
nidade das lagrimas de
Maria. Chorava Maria Sã-
tissima a sua soledade em
tanta copia, que toda esta-
va lachrymosa: *Stabat lachrymis plena*: & aquellas
lagrimas que ventia, pri-
meiro, as brotava o cora-
ção, & depois as choravao
os olhos: *Plorans ploravit*: Thren. 2.
commenta Hugo: *Plorans
in us oculis cordis, olens
vit exterius oculis corporis*:
& assim toda chorosa as
faces inundavao em la-
grimas: *Lachryme ejus in
maxillis ejus*, & em lagri-
mas fluctuava o coração:

Cor

Rich. de
S. Lour.
lib 10 de
laud. V.

Zen. Ve-
ron form.
de ref.

D. Thom.
Dionys.
2ap. 4. de
Div. noms
lect. 11.

Hug. hic.

Bern.
apud Fi-
del. sem.
11. in Pa-
rax.
Apoc.
vid. ap.
sup. Apo-
cal.
Rô de
S. Lour.
112. do
Indis
2a.

Cor meum fluctuavit in me.

No seu Apocalypse vio-
S. João hū livro por den-
tro, & por fóra todo escri-
to: *Vidi librum scriptum in-
tus, & foris*: & quando me
parecia superfluo que por
dentro, & por fóra se escre-
vesse, achei q̃ mysteriosa-
mente appareço todo estā-
pado. Aquelle livro, diz
Richardo de S. Lourenço,
que era Maria Santissima:
*Maria est liber, quem Joā-
nes vidit Apocalypsim*: & a
Escriptura que continha
na opiniaõ de Ribeyra, &
outros, disse Ezechiel que
eraõ lagrimas: *Ipse vidi li-
brum, in quo scriptæ erant
lamentationes, carmen, &
væ*. E sendo Maria este li-
vro, & as letras lagrimas,
naõ só no exterior se ham
de ver, mas tambem no in-
terior se haõ de admirar;
porque Maria na sua soledade
naõ só brota lagri-
mas pellos olhos, mas tam-
bem se desfaz em lagrimas
no coração: *Plorans plora-
vit*.

Primeiro se escreve a-
quelle livro por dentro,
scriptum intus: porque o cora-

ção de Maria primeiro se
desfaz em lagrimas lasti-
mado: *Plorans intus oculis
cordis*; escrevese por fora
depois, *scriptum foris*: por
q̃ os olhos de Maria chora-
vaõ depois sentidos: *Pla-
ravit exterius oculis corpo-
ris*.

Quem olhasse para as
faces de Maria na sua soledade,
sêpre as veria cuber-
tas de lagrimas, se lhe visse
o coração, sempre o veriaõ
fluctuando em choro: pois
era por q̃ as lagrimas naõ
corressem? Naõ, por q̃ nun-
ca paráraõ áquellas torré-
tes: *Deduc quasi torrentem*
lachrymas per diem, ac no-
ctem, era por serem eternas
aquellas lagrimas.

Considerou Arnoldo
Carnotense o coração de
Maria Santissima na sua so-
ledade oprimido de an-
cias, suffocado em angus-
tias; & disse q̃ com os sus-
piros que lançava, atrainha
outra vez a sy as lagrimas,
que sahiaõ: *Pectus mater-*
num immanitate doloris ar-
detur suspirat intrinsecus, Domin-
& erupentes revocat lachry-
mas. Naõ vedes o mar, q̃
re-

Tbren. 2a

Arnold.

de 7 verb.

Domin.

regãdo a terra com os rios
que brota , ou as prayas
com as ondas q̃ quebra ou-
tra vez recôcentra em seu
pelago as mesmas agoas ;
ou já recebendo por bocas
o que communicou por
veas;ou retratando nas on-
das a hum suspiro , que o
mesmo ar que lança outra
vez recolhe?

*maris pergunt flumina ut ite- Pipin.
rum fluant.*

La dividio o Jordaõ as
suas agoas,& parando mō-
tes as agoas superiores , as
inferiores descêraõ para
o mar morto da soledade:

*Steterunt aquæ ad instar Josue. 3.
montis intumes centes; aquæ
autem inferiores erant ad
mare solitudinis, quod nunc*

*vocatur mortuum, descen- Alap.
derunt.* Ao Jordaõ fonte
de lagrimas: *Jordanis, idest*

fons lachrymarum, retratou
o coração de Maria nas
suas torrentes : pois se as
agoas superiores do Jor-
daõ crescêraõ a montes :

*Ad instar montis intumes-
centes,* as lagrimas superi-
ores de Maria , que eraõ as
que dos olhos para as fa-
ces se despenháraõ,a mon-
tes naquellas divinas faces
se suspenderaõ: *Lachrymæ
ejus in maxillis ejus.*

Descêraõ as agoas infe-
riores do Jordaõ para o
mar morto da soledade :

*Quæ autem inferiores erant,
ad mare solitudinis, quod
nunc vocatur mortuum,
descenderunt ;* as lagrimas
de Maria inferiores ; porq̃

das

Pois assim o coração de
Maria , a quem o grande
de seu amor,ou o profun-
do de seu sentimento con-
stituiu hum mar de lagri-
mas :

Thren. 2.

*Magna est enim velut
mare contritio tua,* com os

suspiros q̃ exhalava outra
vez, atrahia a sy as lagri-
mas , que como ondas na-
quellas divinas faces es-
parcia: *suspirat intrinsecus &
eripientes revocat lachrymas;*

& naquellas lagrimas que
pello immenso de seu
raudal, vertidas pello co-
ração em torrentes,as cho-
ravão os olhos a rios, tor-
navaõ outra vez pella bo-
ca como rios a encorpo-
rarse no mar daquelle co-
ração , ou para não cessa-
rem de correr,ou para tor-
narem a brotar : *Ad locum*

Flav.

Dij cum

das faces para baixo, desceraõ para o seu coração; mar pella copia delagrimas que continhaõ: *Congregationes aquarum appellavit maria*; mar, porque como ondas as atrahia; mar finalmente morto, pois só para lagrimas vivo: & na soledade daquelle coração integrando como ondas o mar, constituindo como rios o pelago, quando naquellas faces divinas pareciaõ desperdicios de sua dor, ou termo de seu pezar; voltando para o coração dõde sahiraõ, mostravaõ ser daquelle coração eterno o sentimento, pois no fim de tanto pranto se constituiaõ principio de tanto choro.

Vio o Propheta Ezechi-
el huã süptuosissima carroça, que tiravaõ quatro mysteriosos Cherubins: & disse que era hũ retrato da gloria de Deos: *Hec visio similitudinis gloriæ Domini*. E em q se assemelhava â gloria de Deos esta carroça? Na eternidade de seu curso. Notay: diz Ezechiel que aquella carroça junta-

mente com os Cherubins se movia: *Quocumque ibat spiritus, rotæ pariter elevabantur*; & de tal sorte se portavão os Cherubins no seu curso, q sem parar, ao mesmo tempo em que sahiaõ, voltavaõ para a parte onde estiverão: *Ibant & revertébantur*.

Desta maneira se eternizava o curso daquelle carroça, no curso dos Cherubins. pois quando parecia que se terminava com o espaço, continuavão para a mesma parte dõde sahiraõ o seu curso, convertendo em principio aque se imaginava fim: isto tem a eternidade, cujo fim se converte em principio: & fêdo a gloria de Deos eterna, no eterno de seu curso se assemelhava aquella carroça â gloria de Deos: *Hec visio similitudinis gloriæ Domini*.

As lagrimas de Maria na sua soledade faziaõ o mesmo curso que aquella enigmatica carroça: sahiaõ do coração torrentes, & a somavaõse aos olhos caudalosas, & quando naquellas

quellas faces divinas, á
 nossa vista suspensas pare-
 ce que terminavaõ o seu
 curso, outra vez fervoro-
 sas tornavaõ para o cora-
 ção donde sahirão, ou co-
 mo ondas para o mar don-
 de se apartarão, ou como
 rios para o pelago donde
 nasceraõ, & aquellas faces
 divinas, que pareciaõ fim
 daquelle pranto, consti-
 tuirão principio daquelle
 choro: & se por este fun-
 damento no eterno de seu
 curso retratou aquella
 carroça a gloria de Deos:
*Hec visio similitudinis glo-
 riæ Domini*, no eterno de
 sua duração retratarão as
 lagrimas de Maria áquel-
 la enigmatica carroça.

Porque o Espirito San-
 to sendo termo inspirado,
 he relativo, disse eu q era
 eterno o Espirito Santo:
*Tu solus in æternitatis lon-
 gitudine*: porque o circulo
 não té principio nem fim,
 he figura da eternidade o
 circulo: *Figura circularis
 significat æternitatem*: porq
 o Sol principia quando a-
 cabia, he eterna a vida do
 Sol: *Dies sempiternus illu-*

xit: & se as lagrimas de
 Maria, qual o Sol que fi-
 nalizando o resplendor no
 occaso, principia a vida, a-
 cabando nas faces o curso,
 principiãrão para o cora-
 ção a torrente; qual o cir-
 culo que sem fim, nem
 principio circularão do
 coração para os olhos, dos
 olhos para o coração: qual
 o Espirito Santo, que sen-
 do termo da vontade do
 Pay, & do Filho, se refere
 ao Filho, & ao Pay, as la-
 grimas de Maria, termo
 onde os olhos, & o cora-
 ção acreditãrão, o seu sen-
 timento, vòltaraõ para o
 coração, & para os olhos.
 Eterno he o sentimento
 de Maria, pois são eternas
 as suas lagrimas.

Oh como se acredita e-
 terno o vosso sentimento,
 angustiadissima Senhora,
 no eterno de vosso pranto!
 pois sendo o sentimento
 hum dor da alma: *Luctus
 est dolor animi*, sendo as la-
 grimas effeitos & teste-
 muns desta dor: *Dolor
 in corde delitescens per fle-
 tum manifestatur*, o eterno
 de vossas lagrimas mostraõ

de

Hipocr.
lib. cur-
de
de vosso sentimento o eterno. Ocoração humano disse Hipocrates q̃ tem duas bocas, ou ventriculos, a que chamou fôtes ou rios, que regando todo o corpo com o sãgue que communicaõ, alêtaõ a vida humana: dous rios, ou duas fontes tem o vosso coracaõ, q̃ regandovos toda de lagrimas, aninando a vossa soledade, eternizaõ o vosso sentimento: & semelhãte o eterno de vosso choro a Deos no eterno de sua duraçaõ: *Tu solus in eternitatis longitudine*, no eterno de vosso sentimento vos denominais solitaria como Deos: *Ego destituta & sola*.

Em Deos por excellencia se uniraõ o poderoso, o sublime, & o eterno; na soledade de Maria por singularidade se jūtãraõ o eterno, o sublime, & o poderoso, para q̃ reconheçefemos que à soledade de Deos se assemelha a soledade de Maria. Aquella maravilhosa visaõ q̃ vio Moyses, consistio em huã C,arça abrazada: *Videbat quod rubus arderet*; esta

C,arça diz Nisseno q̃ si. *Nissen.*
gurou a Maria Santissima *orat. de*
& quando na sua soledade *Christ.*
a figurou, pois estava em *Nat.*
hum deserto: *Ad interiora deserti venit.*

No meyo desta C,arça vio Moyses a Deos: *Apparuit ei Dominus in flamma ignis de medio Rubi*, fazendo alarde de poderoso: *Ego sum qui sum, id est, sum causa omnium rerum*; fazendo ostêtaçaõ do excelsõ: *Sum qui sum, id est, sum ens à me*; fazendo gala do eterno: *Sum qui sum, id est, sum eternus*, commenta o Alapide: que como esta C,arça representava a Maria na sua soledade, havia de verse a Deos nesta C,arça, pois a soledade de Maria se assemelha a Deos.

Reparando Moyses em Deos, q̃ aquella C,arça lhe apparecia, attendendo ao nome com q̃ se intitula-va: *Ego sum, qui sum*, reconhecia a Deos eterno, sublime, & poderoso; & como só a Deos divizava naquella C,arça, só a Deos admirava poderoso: *Tu solus in potentia fortitudine*, só a Deos

E admira-

Alap. sup.
Exod.

admirava sublime: *Tu solus in dignitatis celsitudine*, só a Deos admirava eterno: *Tu solus in eternitatis longitudine*. Contemplai a soledade de Maria: & vendo a poderosa na pena, sublime na dor, eterna no sentimento, sendo estes os atributos q̃ Moyses admirou em Deos naquella visão, confessareis q̃ a soledade de Maria por estes atributos a constitue, & denomina solitaria como Deos: *Ego destituta, & sola*.

Tam solitaria vos contemplo; angustiadissima Maria, que hum deserto vos considero: *Sion deserta facta est*, & huma soledade vos imagino: *Sanctificatio ejus desolata est sicut solitudo*; sem homens, porque vos deixaõ: *Sedet Sola* sem filho, porq̃ volo roubaõ: *Raptus est filius ejus ad Deum*; sem Deos, porque vos

maltrata: *Factus est Dominus velut inimicus*; sem alma, porque de pena morta: *Mortua est ibi Maria*; sem entranhas, porq̃ em huma sepultura se lançaõ: *Effusus est in terra jecur meum*: & sem entranhas, sem alma, sem Deos, sem filho, & sem homens, estais hum deserto por desamparada, & huma soledade por triste: *Ego destituta, & sola*: & qual Deos q̃ realmente se constitue pellos seus atributos, na vossa soledade, tristissima Maria, não sois mais q̃ os atributos da vossa soledade, toda sois huma pena, toda sois huma dor, toda sois hum sentimento; pois a efficacia, & lastimosa virtude de vossas lagrimas, qual a vossa pena poderosa, em sentimento, em dor, & em pena vos convertêraõ: *Versa est in luctum cythara mea*.

*La para, onde o Sol sae,
Descubrimos navegando
Hũ novo rio admirando,
Que o tenho que nelle cae,
Em pedra se váy tornando.*

TAl he a qualidade, & virtude daquelle rio,

diz o nosso insigne Portu-
guez, que transforma em
pedra

*Isai. 44.
1. Ma-
chab.*

*Camões
Rim.*

pedra o lenho que nelle se lança, para q̃ só pedras, & agoas se divizem na sua torrente. Navegando a consideração pello mar de vossa soledade, no Oriente dessas faces descubrimos os rios de vossas lagrimas, com tam admirada virtude, com qualidade tam singular, q̃ em sentimento, em dor, & em pena transformarão todo o vosso ser, para q̃ só penas, só dores, & só sentimentos se admirem em vós: & dõde mais qualifica a vossa soledade o poder de sua pena, donde mais acredita o sublime de sua dor, dõde mais acrisola o eterno de seu sentimento, q̃ em transformarvos em sentimento, em dor, & em pena as lagrimas de vossa soledade?

Para que a vista desempenhe esta consideração, dai licença, tristissima Maria, para q̃ as minhas mãos se traslade essa divina copia, q̃ ella prestará evidencias à nossa vista: não recuseis, afflicta Senhora, tiraremna de vossos braços,

pois em vós mesma a conserva o vosso affecto; & se para testemunhos de vossa magoa a tēdes à vista, para a bonos de vossa lastima a traslado a meus braços: & em quanto os nossos olhos não vem tanta ruina, prestay ouvidos à recopilção de vosso tormento.

Solitario he Deos no poder: *Tu solus in potentia fortitudine*: & a vossa soledade no poder de vossa pena vos constituiu como Deos solitaria: *Ego destituta & sola*, pois sendo singularidade do poder divino matar huã alma, quanto para a vida do amor matou a vossa alma a vossa pena. Solitario he Deos no sublime: *Tu solus in dignitatis celsitudine*: & a vossa soledade no sublime de vossa dor, vos constituiu como Deos solitaria: *Ego destituta, & sola*, pois sendo o entendimento a potencia mais sublime de huã alma, vós padecestes a dor de vossa soledade no entendimento. Solitario he Deos na duração, porq̃ só Deos he eterno: *Tu solus in aeternitatis*

longitudinē : & a vossa soledade no eterno de vosso sentimento, vos constituio solitaria como Deos : *Ego destituta, & sola*; pois sendo as lagrimas effeitos, & testemunhos do sentimento, foraõ eternas as vossas lagrimas.

E porq̃a vossa soledade no poder de sua pena retratou a omnipotencia do Pay; no sublime de sua dor o excelso do filho no eterno de seu sentimento a eternidade do Espirito Santo; sendo huã soledade cõ tres attributos, se Deos huã natureza cõ tres Pessoas, buscando Jeremias com quem a semelhar vos na vossa soledade : *Cui assimilabo te Filia Jerusalem?* a Deos vós assemelhe, solitaria Senhora; porq̃ só a soledade Divina pôde servir de exemplar à vossa soledade; em Deos por excellencia do ser : *Tues Deus solus per excellentiam*, em vós por singularidade da magoa : *Ego destituta, & sola*.

Fingio a gentilidade q̃ Lotho se transformara em

flor, Pico em Ave, Alpheo em agoa, Arethusa em fonte, & Anaxarte em pedra: estas transformações fingidas fez o amor profano para acreditar o seu poder : & Deos por ostentarse poderoso converteo a mulher de Loth. em estatua de sal, as agoas do Egypto em sangue, & a vara de Moyses em serpente : as lagrimas de Maria tam poderosas como o amor, pois do amor nasceraõ tam activas; semelhantes a Deos no eterno de sua duração, qual aquelle rio do Oriente, daquellas faces executáraõ o mesmo effeito aquellas lagrimas.

Converte aquelle rio em pedra o lenho q̃ nelle se lança; transformao a Maria em pena, em dor, em sentimento as lagrimas q̃ por aquellas faces divinas se despenhaõ a rios; & trocado o ser de Maria em espinhos, em cravos, em chagas, & em tormentos, está Maria na sua soledade, porque toda tormentos, toda chagas, toda cravos, & toda espinhos, hũ sentimento.

Genes. 19

Exod. 7.

timento; huã dor, & huma pena.

Com a cõsideração buscou S. Boaventura a Mãy Santissima de Deos na sua soledade; & em espinhos, em cravos, em chagas, & em tormentos vio convertida a Maria: *Si quero Mariam, in venio spinas, & clavas; si quero Matrem Dei, in venio vulnera & flagella, quia tota conversa est in ista*: & se a qualidade de suas lagrimas fizeraõ em Maria esta lastimosa conversão, no retrato de vosso filho vereis, angustiadissima Senhora, o vosso melmo retrato. Preparay Catholicos a vista; mas não digo bem: preparay as lagrimas, porque para ver tanta lastima, só lagrimas são proporcionada vista.

Este he o vosso retrato, sentidissima Maria, que o vosso amor com o pincel de vossa penna, & a tinta de vossas lagrimas pintou ao natural; & ainda que de morta cor, he viva imagẽ da morte, por isso mesmo ao natural vos retrata; pois advertio Justiniano, q̃ na

vossa soledade estaveis de *L. Just. 2* morte perfeita imagem: *nian. d'ie Perfecta mortis imago.* *Christi a-*

Esta he a vossa cabeça, q̃ excedendo ao ouro no bel-

lo: *Caput tuum aurum optimum;* as madeixas dos cabellos em espinhos se trã-

formaraõ: por isso Boaventura disse, que não achava em vós mais que espinhos: *Si quero Mariam, in venio spinas*, pois em espinhos se transformou o ouro de vossa cabeça: *Tota conversa est in ista*: Estes são os vossos olhos; & por afflictos, não ha duvida, que são estes: *Oculus meus afflictus est*; que se a falta desta vida os converteo em sangue, em lagrimas se convertêraõ os vossos na sua falta: *Defecerunt præ lacrymis oculi mei.*

Estas são as vossas faces, que as ignominias confundirão, & os escarnios enlutarão: *In illo agnoscebantur sputa, & convittia*, pois tantas, essas divinas faces sofrerão, quantas estas faces divinas tolerarão. Esta he a vossa boca, que na vida partido cravo converteo

30.
Silv
leap.
114.

Cant. 5.

Thren. 4.

Thren. 2.

Justinian.

Cant. 4.

Thren. 3.

Reucl. ad

S. Brg.

lib. 1. cap.

10 27 35

l. 4. cap.

23 & 70

Cant. 3.

Vers. He-

braic.

verteo a morte em roxo li-
rio; & se na vida destillava
suavidades: *Favus distillans*
labia mea, na morte só re-
côcentra amarguras: *Reple-*
vit me amaritudinibus.

Este he o vosso coração
amantíssimo: *Cor ejus erat*
cor meum, que abrazado
em incendios amorosos:
Media charitate constravit,
abriu neste lado esta boca
para defaogar tantos in-
cendios: *Medium ardens a-*
more.

Estas são as vossas divi-
nas mãos, estes os vossos
divinos pés, não no leito
lavados cõ agoa, senão na
Cruz regados cõ sangue:
& por cravados, & aber-
tos não duvideis serem
vossos, que quando Boa-
ventura os buscou em tã-
ta pena, em cravos os a-
chou convertidos a im-
pulsos de vossa magoa: *Si*
quero Mariam, invenio cla-
vos.

Este he finalmente o
vosso Corpo santissimo
todo aberto a açoutes, to-
do a crueis golpes aberto,
onde não ha parte que não
sejaõ chagas, onde não ha

porção, q̃ não sejaõ feri-
das; porq̃ toda, tristissima
Maria, vos converteo o
vosso sentimento em feri-
das, & em chagas: *Si quero*
Matrem Dei, invenio vulne-
ra, & flagella, quia tota con-
versa est in ista.

Oh como estais bem re-
tratada no retrato do vosso
bem! Mas ay como estais
aflicta! Ay de vós como
estais lastimada! pois toda
a vossa belleza, como a de
vosso filho, está converti-
da em pena, toda a vossa
fermosura transformada
em dor, todo o vosso ser
transmutado em sentimẽ-
to, denominandovos soli-
taria, & desamparada tan-
to, que só lagrimas, senti-
mento, dor, & pena he o
vosso ser: *Ego destituta, &*
sola.

Bem se assemelha a Deos
a vossa soledade, pois tan-
to se singulariza o vosso
tormento; mas ay quanto
se augmenta a vossa pena
nos motivos, q̃ acrescẽm a
nosso pezar! pois se até a-
gora deviamos sentir este
ser o retrato de vosso filho
agora devemos chorar ser

tam-

tambem este o vosso retrato.

Pulchritudo nostra, & claritas nostra dissipata est;
 1. Mo. toda a nossa fermosura,
 chab. Catholicos, está offuscada, toda a nossa luz está escurecida: Christo he a nossa luz: *Orietur vobis sol.* Maria he a nossa fermosura:
 4. *Pulchra ut luna,* escurecido está este Sol, ensanguetada está esta lua. Oh quanto temos que sentir! Mas ay, ay de nós peccadores, quanto temos que temer! pois sendo as nossas culpas, a causa dos ecclipses destes planetas, ameaçaõ estes ecclipses o castigo q̃ se determina a nossas culpas.

Ea pois, Catholicos, ao remedio, pois he infallivel a condenaçaõ: chorem os nossos olhos, os nossos peccados, que he o remedio em que deve fundarse a nossa esperança; não parê as nossas lagrimas, pois não paraõ as nossas demasias: & senaõ de arrependidos, choremos ao menos de magoados. Onde estais lagrimas que não correis?

Onde estais suspiros que não sahis? Correi, correi apressados: sahi, sahi fervorosos; que tantos motivos tem a vossa presteza, quantos neste divino sol se admiraõ estragos.

E para q̃ se confunda o sentimento, sictay, Catholicos, os olhos na mayor ruina: todo está a golpes denegrido, só para que da justiça divina nos não chegassem os golpes; & como aquella nuvem do deserto que em sy terminava os rayos do sol, para q̃ não offeddessem aos Israelitas, para q̃ o castigo de Deos nos não tocasse, está a nuve denegrida onde o sol da justiça em bebe os rayos. *Exod. 13. Ptol. apud Alap.*

Oh quam mal correspõdidas saõ, meu Deos, de nossas ingraticos, & tyrannias as vossas finezas! pois nesta parte onde o vosso amor mais se acredita, as nossas ingraticos mais se apuraõ, & as nossas tyrannias mais se empenhaõ. Já não temos olhos, meu Deos, para ver tanta magoa: Voltay, Divino Senhor, a nossos olhos, voltay, *Psal. 50.*

tay meu Deos da minha alma para os nossos corações; q̃ se vós os não desprezais arrependidos, segura morada tem nelles os vossos tormentos.

Voltay para aquella Mãy lastimada, que inda q̃ lastimada, he vossa Mãy; & se algum tempo para ella voltaveis amante: *Ad me conversio ejus*, voltay hoje compassivo; pois sendo o vosso retrato seu original, de algum modo se alivia a vossa pena na companhia deste retrato. Voltay Amante Divino: voltay Senhor soberano, & re-

tratando os auxilios de vossa graça, as correntes daquellas lagrimas; se a Maria as suas lagrimas convertêrao em sentimento, em dor, & em pena por estares morto, os vossos auxilios nos convertaõ em pena, em dor, & sentimento por vos havermos offendido: & por essas chagas, por esses tormentos, por aquellas lagrimas, por aquella soledade vos pedimos, meu Deos, perdaõ para tantas culpas, misericordia para tantos peccados.

F I M.

